

# Mundo Fênix



Luz no fim do túnel. Uma dor lacerante. Um voo para manter a vida. Linda não sabia o que fazer. Argumentava para si mesmo: vai passar, vai passar, tem que passar. E o tremor continuava. As alucinações vinham aos jorros na mente, nos olhos e na pele; e ela com medo das perdas. Não podia perder agora... O passageiro do lado sente que há algo errado, Mas, e se o silêncio acabar? Ele desiste e ela briga com a vida e os braços da poltrona. Sem incômodos, sem chaturas, sem pedidos, sem amizades, Linda só sorria outra vez. Acima das nuvens, apenas um manto de objetivos prestes a se evaporar. A aeromoça oferece água, ela não responde. Água para que? Todas as purificações vividas não deram em nada. O peito dói, dói, dói. Linda está feia. Linda está suja. Linda não está mais lá. Numa barraca de camping, a luz do sol e a língua de seu cachorro a acordam. Assustada, se esconde: hora de ir à praia...

**Claudia Nunes**

Ela se enganara. Ela interpretara mal tudo o que vira.

Simas, seu marido, fechara a porta e não mais voltaria. O sofá estava parado: não viverá mais tardes de futebol, sonecas e amor. Era um devaneio? Era um sonho mal? Ela não conseguia pensar. Suas mãos tremiam e ela estava ofuscada pelas lágrimas. Nunca se enganara, nunca errara tão feio. Agora sabia: entre farsas e omissões, seu casamento chegara ao fim. Na mesa, o telefone toca e ela atende: 'Sonia, avisa ao Simas que o bolo 'Mundo' de vocês está pronto'. Em suas mãos, o bilhete encontrado: 'amanha o mundo será só nosso'.

**Claudia Nunes**

Eu quero o meu amor – grita ela. – Eu quero tudo o que você me tirou! Malas no chão, guarda-roupa aberto, roupas por toda parte. Na porta do quarto, ele não sabe o que responder. Seu olhar denuncia um medo terrível: a cama vazia. Não há o que fazer. Não há como se desculpar. Ela vai embora. Ela vai embora – pensa ele. Seu coração dói demais e sua voz não atravessa a garganta. Da janela, um som aumenta sua agonia: é Natal. Ela caminha até a janela observa a rua. Carros, gente e animais, ninguém pode senti-lo. Lembranças dos risos, do sexo, dos presentes, dos toques, das juras, das certezas e do ‘para sempre’. Quanta mentira se diz sob o poder da emoção ou do sonho! Ele estica os braços tentando tocá-la. – Me esquece! Me esquece! – avisa a ela. Mala pronta, bolsa cheia e um último olhar. Um silêncio esbofeteia os dois. Um silêncio sinistro paralisa os dois corpos quentes dispostos aleatoriamente naquele espaço quase escuro. – Amor, nosso filho nos deu bons 04 anos... Você pode recomeçar – disse ele antes de desaparecer dentro da gaveta de meias. **Claudia**

**Nunes**

Do bar, do vinho, da comida, vejo pessoas. Ninguém se fala. Passam para lá e para cá focados em seus problemas, passos, vida. De preferência nem se tocam. Mas há um ponto de ônibus. Todos juntos. Demora, demora, demora. Há uma esgrima de olhares na tentativa de se manter a distancia, mas mantendo o reconhecimento de esguelha. Roupa, cheiro, jeito do cabelo, celular, bolsa, sobancelha, agitação, tudo serve para passar o tempo. Quem é? Quem será? Conheço? Já vi? Várias interrogações que cortam o fluxo das preocupações individuais e passam o tempo.

Não estamos sozinhos, estamos no mundo, convivemos. 'Oi? Tá muito tempo aqui? Demora né?' O ônibus chega. Cada um no seu banco. Para onde vou mesmo? O sol se põe... Claudia Nunes

Desde criança ela tinha fascínio pelo Egito: era o que mais estudava em História. Esmerava-se em copiar desenhos, usava roupas iguais às de Ísis, colecionava escaravelhos. Assim foi envelhecendo, imaginando-se serpente, desenvolvendo um caráter esfíngico em seu corpo piramidal. De repente começou a juntar dinheiro. Ninguém entendia para quê: tinha casa boa, vida estável. Aposentadoria? Doença? Queria ficar rica? Ela continuou juntando, até que foi à cidade e comprou a passagem para o Egito. Meio século depois, os arqueólogos não conseguiram explicar o esqueleto daquela mulher, deitado na tumba do faraó, a seu lado.

**Claudia Nunes**

Desde pequeno José é apegado à mãe. O pai, sempre fora, é ignorado. Amigos e amigas suspeitam de sua sexualidade. Por quê? Não é possível, o afeto, o carinho, a delicadeza, a sensibilidade num homem? Para ser homem é preciso mostrar-se rude e truculento? Profissionalmente, o mundo era diferente. De lá para cá, como vendedor, não vivia o ambiente de trabalho e tinha muitas oportunidades de se experimentar. Por amor, amizade ou sexo, ele era possível. Mas vez por outra a suspeita: seria gay? Um dia, um gracejo mais ofensivo, uma briga violenta. Desacordado na calçada se vê num espelho imenso e cheio de facetas. Em cada uma um homem estranho. Muita dor na aparência. O espelho treme e ele não quer sua revelação, não quer este mundo em seu corpo. De repente, cada um dos homens sorri e o afaga. – Não! - ele grita – Não! Ainda tateando no ar, ele procura identidade, personalidade, máscaras. Sem poder se mover daquele chão frio e molhado, José se transveste de palhaço e se deixa escorrer sorrindo pelas veias do coração materno.

**Claudia Nunes**

Sempre quis ver discos voadores: sentia-se atraída pelo mistério, acreditava em outras vidas. Sua música favorita era “London, London”, que cantava enquanto trabalhava, esquecida do espaço. Todos sabiam de sua mania em Brasília, onde vários já tinham mantido contado por telepatia, visto a luz curva e os pontos brilhantes. Insistiu muito com a amiga, para que a levassem ao local. A emoção transbordava e o coração pulava, depois de três horas no cerrado, caminhando em busca do sonho. Mal teve tempo de gritar, quando se viu estuprada por dez bandidos, fugidos da penitenciária próxima. **Claudia Nunes**

Adorava Lilian. Tinha sido sua única namorada. Apaixonara-se desde o primeiro momento, ao vê-la voltando da praia: pele morena, olhos azuis e longos cabelos loiros. Usou a experiência da idade para cortejá-la. A família pediu tempo e, quando Lilian completou 18 anos, começaram a mandar os convites; um mês depois embarcavam para a lua de mel no Caribe. A vida continuou mel: cada vez mais seduzido, fazia as vontades da mulher. Comprava flores e bombons diariamente. Dez anos depois pediu divórcio, pois não suportava mais viver com aquela mulher deformada pelos 130 quilos.

**Claudia Nunes**

Regina, desde a infância, tinha muita imaginação. Na escola ou no playground do prédio sempre inventava as brincadeiras. Gostava, mesmo, era de ficar criando histórias na cabeça, mentalizando as personagens e seus destinos. De vez em quando via TV, porém mudava o final dos filmes se não concordava com os roteiros. Cresceu, formou-se, tornou-se jornalista. Compensava a miséria diária das ruas com a velha mania de criar situações. Não escrevia, a não ser no jornal. Numa noite, uma brisa entrou pela sala e trouxe Marion. Os dois rolaram loucamente na dança da paixão. No dia seguinte, o pano vermelho que secava a janela os levou para Pensilvânia.

**Claudia Nunes**

O sonho de consumo era esqui. Via-se em roupas quentes, a descer montanhas, rasgando a brancura virginal da neve. Em sono voava pelos Alpes, que nunca visitara, em piruetas sinuosas. Ganhou de aniversário a passagem para Aspen e para lá se mandou, com o sorriso marcial de quem cumpre a missão. Alugou a roupa, experimentou cuidadosamente o esqui, tomou um golpe de conhaque e comprou a passagem no teleférico, para o ponto mais alto da montanha. No dia seguinte ainda estava abraçada a uma árvore, tremendo, quando o helicóptero de resgate chegou.

**Claudia Nunes**

Sandra era pessoa comum. Família classe média, mãe viúva, dois irmãos. Não pudera estudar, contentava-se em ser secretária. Ganhava para a vidinha simples, sem luxo. Não casara, nem queria mudar a rotina; não se imaginava rodeada de filhos, panelas. Naquela tarde Sandra saiu do trabalho e foi ao mercado, antes de seguir para casa: latas, plásticos, prateleiras e prateleiras. Suava, entre a lista de compras e a carteira de dinheiro, empurrando o carrinho cheio.

Filas gigantescas à frente, ela aguardava pacientemente em procissão; nem reparou a caixa de ovos a se abrir: de dentro saiu um cavalo alado, que a levou para a nuvem. Horas depois começou a chover.

**Claudia Nunes**

Olhava aquela mulher no palco e a desejava loucamente. Bebia cada palavra por ela proferida, guardava pobres pedaços de jornal onde seu nome brilhava, sonhava fantasias arrebatadoras. “Deusa”, pensava ele, “não é para mortais”. Como sombra a seguia, cada passo, itinerante pelas casas de teatro, na expectativa de um dia ser notado. Esqueceu-se de si em função dela. Foi numa segunda-feira, quando o teatro não funcionava: saiu para jantar e lá estava ela, em verde e esperança. Aproximou-se, sentou-se, conversavam. Hoje, ator consagrado, ainda não entende o tiro que a matou no restaurante. **Claudia**

**Nunes**

“Mulheres são dissimuladas”, pensava. “Elas fingem gozar”. Vivia atormentado, sem saber se as parceiras, com quem se relacionava, verdadeiramente tinham orgasmo. Quanto maior o tormento, mais as assediava. Desdobrava-se no ato, levava as mulheres à exaustão, cobrava as dúvidas em infindáveis perguntas. Ah, o ponto G! Teria tocado? Até que Luiz encontrou Dora. Apaixonou-se, quis casar. Mas antes precisava da certeza. Foram para um motel e a noite seria dos anjos e demônios: champagne, massagem, piscina. Envolveu a amada, cobriu-a de beijos, despiu-a, penetrou e morreu de enfarte.

**Claudia Nunes**

Era ambicioso. Nascera pobre, mas queria aparecer na TV, frequentar colunas sociais. Começou comprando um galpão, onde dava aulas para a criançada miserável. Cobrava cada centavo de seu espaço e tempo. Meteu-se com marginais, enquanto o dinheiro saltava. Logo conseguiu uma cadeia de colégios. Já não se lembrava da infância, no iate de luxo ou no carro importado, a não ser pelo sonho de ter um chafariz no seu jardim. Chamou o engenheiro e o projeto se fez. A inauguração foi linda, mas ele sumiu: enquanto fumava o charuto, foi-se transformando em líquido e entrou na fonte, jorrando mil cores e sons.

**Claudia Nunes**

Entre os amigos o apelido era 'Gorila', mas se chamava Amâncio. Adorava as lutas, não perdia uma: boxe, karatê, judô, sumô, vale-tudo. Na academia malhava horas, socava sacos, dava golpes no ar. A mulher, frágil, aceitava, resignada: macho devia ser forte, briguento. À noite cuidava dos cortes e feridas trazidas da rua. A grande oportunidade veio no jornal: um torneio para amadores, com perspectiva de profissionalização. Os combates diários foram sendo vencidos. Na véspera da final, Laerte ainda tentava explicar à delegada a razão pela qual a mulher estava no hospital, fazendo exame de corpo delito, entre hematomas e dentes quebrados.

**Claudia Nunes**

Argos acordou cedo. Telefone o tirou das armaduras e da realeza. Dor. Muita dor. Sem movimento, só dor. O pensamento o corrompia. Seu coração acelerava sem ordem. Será que morreria? Aprendera a relaxar com a ioga, mas e as contas? E os filhos? E seu amor? Morreria? Precisava de um salto, um toque, um abraço. Nas brumas e no breu, a sirene da ambulância cobria seu corpo de vida. **Claudia**

**Nunes**

Nascera com a vocação para o desenho. Menino ainda, ele fazia figuras na areia, enquanto a mãe inchava de orgulho. Os cadernos de escola quase não tinham apontamentos: eram caricaturas, formas livres, arabescos. Com o tempo, comprou um computador e perdia horas entre quadrados e círculos, montando trabalhos. Entrava em todos os concursos, até que ganhou o prêmio: três meses nos EUA, com tudo pago. Embarcou, com a esperança na mala e o patrocínio no bolso. Os controladores de voo não entendem como o avião desapareceu, sem deixar vestígios, no Triângulo das Bermudas.

**Claudia Nunes**

Os telefonemas eram constantes. A voz desconhecida a alegrava, abalava seu sono e a alimentava fantasias.

Logo descobriu o nome e endereço. Bateu à porta, vieram a mulher e os dois filhos: o marido, aviador, viajara. Ficou desnorteada. Mas ele voltou, continuou a telefonar, falava em amor. Acostumaram-se às manhãs de quarta-feira, na estação rodoviária. Um dia ele insistiu: queria comemorar os cinco anos de relacionamento. Seguiram pela estrada e pegaram o Concorde. Hoje vivem felizes, em Paris.

**Claudia Nunes**

Aquele índio não era da mata e também não descera de um objeto resplandecente: não, ele surgira do absoluto nada, para atormentar a vida de Karla, enquanto deitava. Com o tempo, ele passou a aparecer no trabalho, a seu lado no carro, na hora das refeições, nos livros que lia. Karla não sabia o que fazer: só ele, silencioso, a olhar. Ela, no entanto, sentia a ameaça e não lutava para tirá-lo da ideia. Com o tempo, passou a gostar de sua companhia. Quando já se acostumara a sentir o calor de seu corpo, ele sumiu. Dizem que foi visto pela última vez em um espelho quebrado.

**Claudia Nunes**

Angel era todo luz: olhos, cabelo sorriso. Mas carregava a dor como quem suporta uma penitência.

Seus dias transcorriam entre quatro paredes, desejando a paz. Quanto mais se dilacerava em busca do equilíbrio, maior a angústia. Os amigos se foram, a família sofria. Foi ficando só e sem saída. Cada vez falava menos. Lia jornal em seu quarto, na companhia do fiel cão. Ou então trabalhava, para esquecer a vida. Um dia Angel saiu para cortar o cabelo. Olhou para o infinito azul e voou. Pousou de volta, abraçou uma flor e labaredas subiram: transformou-se em chama e encontrou a felicidade.

**Claudia Nunes**

Tinha fetiche por sapatos. O armário contabilizava 70 pares, fora os mantidos em desuso. Nunca os jogava fora, nem podia: lembravam momentos especiais; pelos sapatos ia recordando os saltos, tropeços, chutes e tombos da vida. Com cada namorada mantinha um ritual diferente: Márcia ficava deslumbrante na sandália dourada, Beth era irresistível na bota vermelha, Jane triturava seu coração naquele salto alto preto. Envelheceu, colecionando os sapatos, catalogados e bem cuidados pelo engraxate contratado. Um dia morreu e foi enterrado descalço, porque o caixão era pequeno.

**Claudia Nunes**

Era louca por gatos, principalmente filhotes. Onde passava, logo os bichanos a cercavam, enrolando-se em suas pernas, lambendo a mão, querendo o colo. Acostumara-se a todos; no caminho para casa ia recebendo o carinho e retribuindo o afago. Mas apaixonou-se por um, negro, de olhos frágeis: dedicou-lhe tratamento especial, até que não mais resistiu e levou-o para casa, cercou-o de cuidados e afeto. Naquela quinta-feira, porém, foi diferente: à noite não mais havia o gato, a casa estava vazia, a janela aberta. A campainha tocou e um jovem de olhar frágil a abraçou e passou a viver a sua vida.

**Claudia Nunes**

Foi numa praia deserta, em pleno verão de 40°, que viu o urso pela primeira vez. O pêlo branco faiscava sob o sol. Não se aproximou por medo, mas encantou-se com a beleza do animal. Desde então sonhava constantemente com ele: viu-se perseguida, querendo correr, e acordava sem ar. Mas gostava de sentir a pata sobre seu corpo, quente e peluda. O tempo ajudou-a: esqueceu-se por completo. Meses se passaram e ela resolveu definitivamente casar-se com Júlio, namorado de tantos anos. O casamento foi alegre e a noite, numa cabana de praia, transcorreu feliz. No dia seguinte, ela acordou com calor: Júlio sumira e um tapete de urso a abraçava, em sono sereno.

**Claudia Nunes**

Como saber se ela o traía? A desconfiança era constante, por causa daquele brilho no olhar. Não suportaria perdê-la: um fracasso existencial inadmissível! Começou a mimá-la com presentes e companhia constante, para neutralizar o rival. Depois instalou escuta no telefone. Nenhum indício, apesar do brilho. Contratou detetive caro, mas o resultado foi nulo. Então, resolveu largar o emprego para segui-la. Perdia os dias escondido, em busca do delito. Nada. Por fim, tomou a decisão: enquanto ela dormia, entrou em seus sonhos e só então descobriu que seu rival era ele mesmo, mais moço, antes de casar.

**Claudia Nunes**

Uma rua deserta. Clara, a menina, caminha assustada, teme o escuro. De repente, a sombra. Não era ela, era outra. Era definida, difícil, rude, sincera e ia à frente. Apesar do medo, menina e sombra é o mesmo paradigma. Outras sombras se apresentam, se misturam, mas não as apagam. Na esquina, independente, a sombra some. Por quê? A moça pára, olha, procura e se entristece. A rua perdeu o sentido. Percebe, então, que a sua frente há uma linha quase transparente. Transparente? Sombra? Pensa, lembra e vai. Forte. É uma mulher!

**Claudia Nunes**

No pátio, uma galinha assumia o poder: o quintal era ser. Perninhas para lá, perninhas para cá. Cada pedacinho de chão alimentava sua fome. Em alguns momentos, animais enormes tentavam pegá-la. Suas pernas eriçavam e ele sentia que devia correr. Qualquer lugar servia. Por que não a deixavam em paz? Por que querem ocupar seu espaço? E os dias passavam. De longe movimento e cheiros diferentes. Outras galinhas chegam e frequentam o 'seu' lugar. Não incomodam, mas são invasoras! De repente, um laço na garganta, não há como respirar, uma dor lancinante e... de novo... seu quintal. Distraída, vê uma família animada sorrir para um frango ao molho pardo.

**Claudia Nunes**

Cadê minhas chaves? Já colocou o café na mesa?  
Preciso de novas meias! Todo dia Esther andava pela casa, escutava e atendia aos chamados do casamento. Pura insatisfação! Por que parei de trabalhar? - ela se perguntava todo dia. Roupas, casa, filhos, marido, comida, tudo bem organizado, mas era pouco. Suas atenções eram de outros... Mas o que ela queria? Respirar... Por que deixei de trabalhar? - perguntava às louças na pia. Em algum momento ela não foi fisioterapeuta, operadora de telemarketing, secretária. No futuro, é dona de casa. O que pensaria meu pai? O que pensariam meus amigos? Fracassada! Imatura! Covarde! Mesa posta. Meninos na escola. Marido no trabalho. Lava as mãos. À noite, na piscina, velas acesas e um bilhete: 'fui na fé'.

**Claudia Nunes**

Ivete é estilista. Da comunidade em que morava, agarrou uma oportunidade de viajar e assumiu sua profissão. Agora está namorando. Julio, amigo de seu patrão, a encantou com seu espírito esportivo. Em cheque, seu futuro. Na realidade, a intensidade da paixão. No coração, a liberdade dos desejos. Sem duvidar, sonha junto. Hoje repentinamente Julio se acabou. Acabou. Em meios aos tecidos, tesouras, manequins e fitas métricas, Angela é encontrada morta.

**Claudia Nunes**

Um fio solto. Que susto, um fio solto. Sem pensar puxou com a ponta dos dedos aquele fio. Que dor, que incomodo, sua vida não podia ser pior. Em cada ponto, um desmanche, uma escuridão. Sem parar, sem parar. Alice não podia parar. Tantos complexos, tantas insatisfações e o fio não terminava... e tudo se desmanchava. Por que tinha que ser assim? O tempo passou e ela dentro daquele provador puxando fios... puxando lembranças... sendo infantil, adolescente, infantil, adolescente. Não houve o salto, havia defeitos, havia fios, havia desatenções. Impotente, ouve Lucio, ao seu lado: amor, ficou bom?

**Claudia Nunes**

Aos 79 anos, Julia se aposentara. Linda caminhava na praia todas as manhãs alimentando o desejo de encontrar alguém. Nada demais, apenas alguém para viver seus sonhos mais audaciosos. Mas era difícil. O tempo quente parece que afugentava almas e animais.

Seria preconceito? Alzira, sua amiga do segundo andar, sempre lhe dizia: 'Julia, no fim da vida, a ideia é viver, só isso'. Como sonhar é livre, homens passavam e não a transformavam. Raquete, tênis, bolsa, vamos à vida, pensava ela todos os dias. No portão do prédio, um mal súbito. Na caixa do correio, um postal de Alberto, seu vizinho de porta, "oi, tomei coragem, te amo!".

**Claudia Nunes**

Amon, homem separado. Vida de solteiro. Mas um sonho: uma mulher independente. Carmem morava com ele. Ex-mulher, amante, empregada. A vida de sonhos. Numa calçada de rua, mulheres-amantes não tinham mais interesse. Como a onda perfeita, ele surfava pelos dias querendo a mulher-perfeita: provedora. Nem tinha certeza das vantagens materiais, mas mulher-autônoma era tudo. Numa mesa de jogo, uma dama e a cartada final: perdera as calças e a mãe.

**Claudia Nunes**

Amor, amor, amor! Quanto romantismo Inácio ainda iria viver até encontrar o verdadeiro amor. Mulheres admiráveis, atletas, domésticas, ilusionistas, dramáticas, determinadas, tontas, reféns, submissas, corretas, fálicas... Sem separar o joio do trigo, mulheres era sua aventura de viver a vida. Só que seus lustres estavam sujos, sua casa fria, seu corpo solto, suas ações sem destino, seus desejos sem ponto de apoio. Na loucura, o jogo de squash. Squash era seu movimento de reflexão e liberdade. Ali suas incontinências afetivas se iludiam com outras químicas internas. Era preciso doer o corpo para esquecer o corpo. Ploc, ploc, ploc... bolinhas iam e vinham das paredes com a força dos seus braços e no jogo de pernas. Numa de suas voltas, o cheiro, a distração, Rodrigo.

**Claudia Nunes**

O mundo acabou: depois de anos, sexo era tabu. Esther estava envolvida em muitas atividades e funções, mas era mulher. Dentro e fora do casamento, era mulher. 'Falta alguma coisa...', pensava. As sensações eram outras; os limites mais curtos; o sexo sem prazer dos tempos de glória e pele lisa. Se menopausa não é castração, o que acontecia com ela? Não havia nada a rescindir: amava o marido. Mas dentro e fora do casamento, era mulher. Irresponsabilidade? Imprudência? Inconsequência? Esther lavava sua louça e pensava: eu me tornei um prato lavado pelo tempo. Era a velhice... Estava velha... Aos 40 anos estava na antessala do próprio ocaso e cheia de sintomas. E a louça não acabava? O que falta? Dentro e fora do casamento, era mulher! "Casa vazia, filhos na escola. Quer saber? Vou ao cabeleireiro!".

**Claudia Nunes**

Todo processo terapêutico demanda interpretações. Tal e qual uma mesa de carteador, tudo precisa ser posto à mesa na intenção de provocar efeitos e, lógico, alguma mudança. Positivas? Não sabemos. Alberto também não sabia, mas ele estava lá. De conflito em conflito, vivia agitado da própria ansiedade. Era alpinista, atleta, amante, ator. Tudo vivido numa ferocidade que quase o matara. Um dia, emergência de um hospital, ameaça de morte, enfarte barulhento. Agora terapia: a vida aos pedaços para recompor as próprias emoções e os batimentos cardíacos. Fato claro: não se vive para sempre. E o medo de morrer o colocara ali e numa cadeira de rodas. 'Por que estou vivo?' se perguntava. Deitar e respirar. Deitar e sonhar. 'Alberto, Alberto, acorda, acorda, o helicóptero chegou, os bombeiros chegaram, tome seu casaco, vamos descer a montanha, estamos salvos!!!'.

**Claudia Nunes**

Sem querer ela se viu só. Sem perceber, muitas ausências. Sem magia, o olhar que procura e não acha ninguém. Agora eram precisos muitos cuidados. Ou era ela, ou era ela. Sem vínculos, sem bengalas, sem opções, ela jazia em casa com suas primeiras decisões. Não adiantava espernear, a vida devia continuar. Quais encantamentos deveria se impor para suportar este momento? Tudo doía demais. Vassoura? Esfregão? Flanela? Iria começar pela limpeza da casa. As tarefas iriam subornar seus pensamentos e fazê-la ir por ir porque ir era melhor que voltar. De aprendiz, ela era, agora, a feiticeira. E voou pelos céus sem nuvens ou certezas.

**Claudia Nunes**

Depois do filme, os dois traçaram um rumo: tinham que reinventar a magia do amor. Em silêncio, tentavam compreender o comando dos ventos, da grana, das respirações, do sucesso e das contas de casa. Tudo é uma arte em equilíbrio. Enquanto voltavam, o silêncio era sua força. Suas mãos se entrelaçavam, mas olhavam estrelas diferentes. Que rumo tomar? Era preciso sair do sono dos justos e entrar no sonho dos loucos. Cada passo era uma audácia sem possibilidade de arrependimento. Numa esquina, um olhar, um sorriso, um beijo. Adeus...

**Claudia Nunes**

Nenhuma viagem tem volta, assim acordou  
Lima. Nenhuma viagem termina, assim  
levanta Lucia. Nenhuma viagem se esgota,  
assim se banha Leila. Nenhuma viagem se  
esquece, assim se veste Lara. Nenhuma  
viagem se vence, assim pensava Lírio.  
Nenhuma viagem termina, assim sentimos os  
mortos. Num cemitério de subúrbio, muitas  
viagens interrompidas.

**Claudia Nunes**

Quem é capaz de dar conta do sujo da vida? Em seu escritório, imunda, depois de um dia de trabalho, Arlete se pensa. Em seu corpo a sujeira do seu coração. Ela não valia nada. Sua irmã partira magoada e ela era incapaz de se arrepender. Só podia trabalhar e continuar se sujando... se sujando muito. Tudo foi perdido sem nenhuma advertência. Ela era a culpada. Esqueceu a paciência, a beleza e a sinceridade nos olhos de no corpo de Franco, seu cunhado. A vaidade e o impulso foram seus ideais e sua perdição. Sem tempo, a sujeira dos armários e da arrogância.

**Claudia Nunes**

Embora sua formação tenha sido uma das melhores da sociedade, Lívia esperava. O tempo passava e ela esperava. Qual era o gosto de esperar? Não sabia, mas esperava. Era pessoa de bem, calma e tranquila, embora isso não fosse vantagem nenhuma. Mas esperava...

Seus sonhos ainda eram sonhos. Famílias, filhos, trabalho, tudo conquistado. E esperar era o de melhor sabia fazer. Onde estão os significados das coisas cujo gosto nos faz sorrir? Ela não sabia. Da varanda, observa uma fogueira se apagando, relaxa e, sem egoísmo, se rende à tormenta de olhos bem fechados. 'Lívia, Lívia, o leite derramou!!!!!!!'

**Claudia Nunes**

